



## Apresentação

Alegramo-nos de ver *Atualidade Teológica* chegar ao seu Nº 50. É para nós uma satisfação estar a serviço dos leitores com a divulgação de tantos estudos acadêmicos nas áreas da teologia bíblica e sistemático-pastoral. Ficamos honrados pelas valiosas contribuições dos nossos autores. Agradecemos a leitores e autores pela acolhida.

Neste número, o primeiro artigo é sobre a família, que na atualidade e sempre é um tema central. O artigo é da autoria do Dr. Luiz Henrique Brandão de Figueiredo, propondo uma leitura de vários documentos magisteriais, que ele refere em vários pontos, como uma preparação para acolher e aprofundar o tema com o Sínodo neste ano. Assim o autor considera a solicitude da Igreja e a sua atenção para a família e o matrimônio. Conta que o sínodo, “sem deixar a fidelidade ao Evangelho, ele deverá propor novos caminhos pastorais dentro da realidade atual que permitam cada família, nas situações em que se encontram, de seguir o seu caminho em busca da plenitude proposta por Jesus”.

Dois artigos versam sobre o tema do laicato. Um deles, sobre desafios atuais. O outro retomando a história, para se completar com o lugar para os leigos e as leigas hoje. São os artigos que apresentamos a seguir.

O artigo da autoria do Dr. João Décio Passos versa sobre “os desafios do protagonismo leigo”. Preocupa-se com a “dicotomia entre as lideranças eclesiais e o conjunto do povo cristão”. O autor adverte que, “ainda que a distinção clero e leigo estruture a organização eclesial, ela pode e deve fundar-se no serviço e não no poder”, de modo que se deve afastar o clericalismo e o “mundanismo espiritual”, e os ministérios estejam voltados unicamente para o serviço. O autor considera que a “reforma inadiável da Igreja convocada pelo

Papa Francisco exigirá renovação”. Propõe uma organização da vida eclesial com pequenas comunidades. Lembra de haver cuidados para, ao invés de se ficar na rotina, serem resguardados os carismas.

O outro artigo, do Dr. Antônio José de Almeida, percebe dificuldades ao longo da história, se bem que houve participação de leigos e leigas, para chegar aos dias atuais, com uma busca explícita de dar “maior espaço e reconhecimento” para os leigos e as leigas “na vida e missão da Igreja”. Sua atuação dá-se no mundo, não em separado, mas como por tomá-lo como realidade de “valência positiva”, com a busca de “uma espiritualidade de ‘encarnação no mundo’, visto como criação de Deus encaminhado com a Igreja ao seu cumprimento escatológico no Reino de Deus”. Os leigos teriam lugar próprio para o diálogo da Igreja com o mundo e seriam também “rosto simbólico da Igreja ‘encarnada’”.

O quarto artigo também reflete sobre “encontro e diálogo”. É uma contribuição da Dra. Giuseppina Battista. Trata especificamente da catequese, como “anúncio e testemunho”, diante do fenômeno do pluralismo, que se tornou “o nosso novo ambiente de vida”. A autora mostra que a catequese é a ação da Igreja que conduz a comunidade e os fiéis “para a maturidade na fé e configurada no seguimento de Cristo”. Os catequistas devem ser fiéis a Deus e ao homem. Devem estar na disponibilidade para o encontro e o diálogo com o outro. Desse modo seriam importantes “novos paradigmas da formação cristã, no diálogo com a cultura do tempo, para formar os discípulos de Cristo”. Estes seriam alegres e coerentes, no respeito à fidelidade a Deus e ao homem, “testemunha do amor gratuito de Cristo”, que se revela no rosto dos pobres e fracos.

O quinto artigo é sobre a festa de Shavuot – Pentecostes, escrito pelo Dr. Gilvan Leite de Araujo. O autor vê a significação da festa no contexto da tradição judaica e em relação com as celebrações litúrgicas cristãs. Mostra que, para a primeira, se celebra o evento do Sinai; e que para a festividade cristã está ligada ao dom do Espírito Santo, na ligação com a Páscoa e com a Ascensão de Jesus aos céus. Depois de procurar descrever elementos judaicos, o autor contempla o contexto cristão e dá um destaque final aos textos lucanos, explicitando vários elementos envolvidos, tais como: a promessa de Pentecostes, a preparação, as pessoas, a pregação, os dons. Com a conclusão se depreende que se trata da manifestação do amor de Deus e de seus dons para a humanidade peregrina.

O sexto artigo é um estudo sobre Gregório de Nissa e o apofatismo. A contribuição é da Dra. Maria Freire da Silva. Põe “em relevo o uso da

linguagem apofática na compreensão de Deus como Revelatus e Absconditus em perspectiva trinitária”, dado que Deus “se deixa conhecer (Deus Revelatus) progressivamente, porém permanecendo escondido (Deus Absconditus)”. A autora mostra a distinção de Gregório de Nissa para três modos de expressão dos nomes divinos: “nomes apofáticos”; “nomes superlativos”; e “nomes simbólicos”, para indicar como Deus não é; ou transcende; ou sua inefabilidade. A autora lembra, com Gregório de Nissa, que a mente humana pode aproximar-se de Deus, mas não abarcá-lo, e que a Trindade se faz conhecer na economia da salvação, ou a partir do agir divino. No final ela fala da unidade das Pessoas divinas e da recíproca relação. Conclui que Imanência e Economia não se opõem nem se confundem, mas que “a linguagem sobre Deus será sempre analógica”.

Aos artigos, seguem as comunicações. A primeira delas é de um estudo sobre a recepção do Vaticano II no ABC paulista. Procura ver como foi impulsionada uma renovação da Igreja local, que também passou por conflitos, mas se “alinhando o projeto com a teologia do Vaticano II”. Estamos celebrando os 50 anos da conclusão do concílio e cabe aprofundar a questão de sua recepção e do aproveitamento de sua contribuição nas várias Igrejas locais. Que a comunicação sirva de incentivo.

A segunda comunicação é também sobre o concílio, mas para valorizar que sua abertura ecumênica contou com o acolhimento de observadores cristãos não-católicos. Temos nesse número um breve estudo na perspectiva do pastor doutorando Jansen Racco Botelho de Melo, que valoriza o convite e o acolhimento de não-católicos como observadores para o Concílio Vaticano II, particularmente a convite do Secretariado para a Unidade dos Cristãos. O autor mostra que se buscava a aproximação com os “irmãos separados”, como se os chamou no concílio, nomenclatura que avançava para expressar melhor o reconhecimento dos outros cristãos como irmãos, mas que haveria de evoluir entre os católicos a fim de se diminuir a ênfase que ainda recaía no termo “separados”. O pastor Jansen lembra a atuação de Oscar Cullmann e cita K. Barth, que tendo sido convidado como observador, mas tendo encontrado dificuldades de saúde, de qualquer modo demonstrou seu bom relacionamento com a Igreja Católica, e, de “irmão separado”, mostrou ser mais verdadeiramente um “irmão” próximo e amigo, do que “separado”.

A terceira e última comunicação é uma reflexão sobre a questão de gênero e o tema é importante. Tem tríplice autoria: da Dra. Clélia Peretti; do Dr. Mário Antônio Sanches; e da mestrandia Larissa Fernandes. Os autores têm

em vista que a análise do tema deve ter “abrangência teológica, antropológica e bioética”. Comentam que na sociedade se considera que as mulheres geram e “também maternam, assumindo a responsabilidade pelo cuidado da criança” e procuram implicações do tema na história. Procuram ainda refletir sobre “o valor ético do corpo”, considerando que o cristianismo valoriza a corporeidade como também tendo lugar na “experiência de Deus”. Suas conclusões são no sentido não só de valorização da vida e da dignidade da criança ou só da vida e da dignidade da mulher, mas de ambos. Sugere que o acolhimento de ambos em uma família tradicional deve ser pensado como valor, propondo uma análise da condição específica do ser pai e do ser mãe.

Depois dos textos dos artigos e das comunicações, acolhemos uma resenha crítica, do Mestre Jerônimo Gasques, sobre uma obra da editora Paulus, que versa sobre os anjos.

O segundo número do ano divulga resumos das pesquisas do Departamento de Teologia que constituíram as teses de doutorado defendidas no último ano. Além das pesquisas divulgadas, dão-se as informações costumeiras da revista.

Convidamos os leitores e as leitoras para aprofundarem-se nos estudos que publicamos e a celebrarem conosco a caminhada de Atualidade Teológica.

Também convidamos os pesquisadores e as pesquisadoras a compartilharem conosco os seus trabalhos, uma vez que desejamos acolher na revista Atualidade Teológica os frutos de seu trabalho acadêmico e promover com os leitores e com as instituições de permuta do periódico um diálogo intenso e proveitoso de teologia bíblica e sistemático-pastoral.

Rio de Janeiro, 24 de junho de 2015

Maria Teresa de Freitas Cardoso  
*Editora*